

Boa Tarde a todos,

Cabe-me a mim a responsabilidade de reportar o que aqui aconteceu hoje. Penso que todos concordam comigo quando digo que o dia de hoje foi um dia muito rico em aprendizagens, o que torna o meu trabalho mais interessante, mas também mais difícil.

A parte da manhã foi especialmente rica em intervenções que procuraram despertar o nosso sentido crítico, lançando algumas questões sobre a educação e a era digital:

- Afinal o que queremos com a educação nesta era do digital? – perguntou o Secretário de Estado da Educação.
- Será que sabemos o que está a mudar no mundo nesta era digital? Estaremos a agir baseados nos fins ou nos meios? Estamos a brincar com as ferramentas ou estamos a fazer uma interiorização cultural? – questionou António Figueiredo.
- O que é educar? Que fins se devem prosseguir? Que relações se devem manter com a família e a comunidade? Como é que na era digital garantimos uma escola de qualidade, aberta a todos e alinhada com as políticas de Desenvolvimento Humano? – lançou para reflexão Júlio Pedrosa.

Muitas destas perguntas acabaram por ser respondidas ao longo do dia e eu tentei agrupar essas respostas em 4 grandes tópicos:

1 - A tecnologia como meio e não como fim

Guilherme d'Oliveira Martins, Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, começou por afirmar que a tecnologia é um meio e não um fim, sendo um instrumento que só funciona se for humanizado, devendo ser colocado ao serviço da educação e nunca esquecendo que, e passo a citar: “é olhos nos olhos que a educação se processa envolvendo sempre a comunidade e a família”.

O Secretário de Estado da Educação, João Costa, reforçou esta ideia afirmando que a educação na era digital é mais do que uma questão de hardware, afirmando que neste processo o triângulo entre a existência de tecnologia na escola, plano educativo e formação de professores tem de ser fechado e funcionar em pleno.

Jim Ayre, da European SchoolNet, apoiou este argumento referindo a existência de um estudo realizado a nível europeu que comprova que o mero acesso a hardware não se reflete, por si só, em mudança no ensino, defendendo a ideia que as escolas de futuro não são um espetáculo de tecnologia e que é necessário pensar, refletir e repensar o ensino e a aprendizagem antes de abrir a “caixa tecnológica”, que é importante mudar os processos de gestão e que os decisores políticos devem acompanhar os professores na vontade de querer fazer mais neste âmbito, devendo tornar a educação na era digital uma realidade em todas as escolas.

Nicolau Borges, do Centro de Formação da Associação de Escolas Centro-Oeste, referiu ainda, neste âmbito, que “as tecnologias e o digital não são uma panaceia, não resolvem os problemas, não são um lenitivo. São uma emergência, uma evidência na construção de um modelo de escola, na construção de cidadania”.

2 - A Educação na era digital como contributo para o Desenvolvimento Humano

Vários oradores mencionaram, nas suas intervenções, a relação entre Educação e Desenvolvimento Humano. “A educação na era digital contribui para reformar a educação como desenvolvimento pessoal e social e como reconhecimento da cidadania inclusiva e da dignidade humana” afirmou Oliveira Martins logo ao início da manhã, acrescentando que a educação deve ser entendida como o despertar para a autonomia e para o cuidado com os outros. António Figueiredo, Professor Jubilado da Universidade de Coimbra, continuou esta reflexão citando Paulo Freire e o desafio de “criar cidadãos curiosos e autónomos capazes de assumir a construção do seu próprio destino”, referindo ainda a este propósito a necessidade de, nas salas de aula do futuro, promovermos uma educação dos alunos, promovendo uma transformação dos alunos de meros consumidores para utilizadores conscientes e criadores.

Júlio Pedrosa, Professor Jubilado da Universidade de Aveiro, continuou citando o nobel Amartya Sen e o “reconhecimento da educação como o garante do alargamento das possibilidades reais do indivíduo”, afirmando que a educação na era digital deve contribuir para realizar os fins da educação garantindo o ser, o saber, o saber fazer, como princípios e valores que hão - de regular a sociedade em que todos queremos viver e que exigem novas competências.

3 – A educação na era digital como um desafio para os professores, alunos e restante comunidade

Desafio desde logo apontado pelo Secretário de Estado da Educação, João Costa, e reforçado ao longo do dia como tendo que existir uma alteração do papel do professor, que passa agora a ter não só de transmitir conhecimento, mas sim de saber gerir conhecimento, devendo ajudar a pesquisar, a encontrar informação fidedigna, a ajudar a interpretar informação trabalhando a literacia da informação, e reconhecendo que aquilo que os alunos trazem de casa é válido.

António Figueiredo refletiu ainda a necessidade de transformar a pedagogia de um modelo passivo para um modelo que valoriza a sabedoria e a autonomia, desafiando os docentes a transformarem-se em agentes de transformação cultural, atentos às implicações das mudanças no mundo, capazes de ajustar a comunicação em conformidade com essas mudanças e preparando os alunos para um mundo que não sabemos como irá evoluir.

Nicolau Borges deu-nos a conhecer como os centros de formação de professores são essenciais para este trabalho de aprendizagem contínua e ao longo da vida e, Júlio Pedrosa, lembrou-nos de que a era digital será sempre um tempo de presença esmagadora de novos contextos de trabalho para quem educa.

Foi interessante ainda ver como este desafio se concretiza e é respondido na prática e como o notebook do Projeto “21st Century Classroom” apresentado pela Professora Ana Batalha, do Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia, irá ser útil para responder a este desafio,

desafio esse referido também por Paulo Moreira, aquando da apresentação do processo de avaliação deste Projeto.

4- O tempo é agora: as escolas de futuro são afinal escolas do presente

Por último, o mote lançado por Jim Ayre e João Costa que apelaram ao fim da época dos projetos-piloto e afirmaram a necessidade de haver um *mainstream* destas aprendizagens, que foi concretizado a partir do final da manhã com as apresentações das práticas.

Percebemos que em Portugal, o que José Verdasca chamou de utopias educativas em territórios do interior são afinal também utopias (ou serão realidade?) partilhadas pelo litoral, nomeadamente pelo Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia e por todas as escolas que participam no projeto europeu “21st Century Classroom”, com ênfase para a escola SOUEE Konstantin – Kiril Filosof da Bulgária, o Miejskie Gimnazjum nr 1im. Jana Pawla II w Knurówie da Polónia, o IES Las Banderas de Espanha, o IIS Vittorio Emanuele II em Itália e que são utopias que se tornam realidade com o apoio de empresas como a Promethean cujo fundador, Tony Cann, nos relembrou de como as tecnologias permitem que os alunos atinjam todo o seu potencial.

Neste âmbito, tivemos oportunidade de ver as magníficas apresentações feitas em vídeo por alunos das escolas participantes e de ouvir os resultados preliminares da avaliação do Projeto apresentados por Paulo Moreira, que confirmam que, tal como o afirmado pelo Diretor do Agrupamento da Atouguia da Baleia, José Loios, “este já não é um Projeto, é uma realidade, uma dinâmica” e que bem demonstram o impacto do uso das tecnologias em sala de aula como meio para desenvolver mais autonomia, mais auto estima e o alargamento de horizontes não só nos alunos, mas também nos professores, famílias e restante comunidade escolar, garantindo sempre o equilíbrio entre o papel das TIC e o papel dos professores.

Em jeito de conclusão, a peça de teatro apresentada no final da manhã falava-nos de uns robots que queriam destruir Lisboa, porque tal como descobriram os *PMA 21*, “os programadores fizeram um péssimo trabalho”. Num mundo de hoje em que a educação na era digital é uma realidade, vamos fazer precisamente o contrário, vamos fazer um ótimo trabalho e juntos – professores, pais, educadores, empresas e fundações –, utilizando a tecnologia como meio, vamos educar para a mudança e para a criação de um mundo melhor.

Muito Obrigada.

Ana Teresa Santos

[21 de julho 2016]